



# Presença estrangeira na indústria das confecções e evoluções urbanas nos bairros centrais de São Paulo

Sylvain Souchaud

## ► To cite this version:

Sylvain Souchaud. Presença estrangeira na indústria das confecções e evoluções urbanas nos bairros centrais de São Paulo. Lanna, A. L. Duarte; Peixoto, F. A.; Lira, J. Tavares Correia de; Sampaio, M. R. de Amaral. São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade, Alameda, pp.65-89, 2011. halshs-00643561

**HAL Id: halshs-00643561**

**<https://shs.hal.science/halshs-00643561>**

Submitted on 22 Nov 2011

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## **« Presença estrangeira na indústria das confecções e evoluções urbanas nos bairros centrais de São Paulo. »<sup>1</sup>**

Sylvain Souchaud, geógrafo, Institut de recherche pour le développement (IRD) - Unité de recherches “Migrations et société” (URMIS), Université Paris Diderot - Paris 7, França.

### Introdução

A evolução da dinâmica migratória no Brasil observada nos últimos dez a quinze anos caracteriza-se, no que se refere à imigração, pelo crescimento dos fluxos migratórios e mudanças na origem e no perfil dos migrantes. Doravante, em sua grande maioria, os imigrantes recentes são de países vizinhos, principalmente Bolívia, Paraguai e Peru. São populações que conheciam, nos lugares de saída, situações de pobreza e que apresentam baixos níveis de qualificação escolar. Predominantemente masculino e na idade ativa, o contingente concentra-se na região metropolitana de São Paulo onde trabalha no sub-setor industrial da confecção de roupas.

Na cidade, eles concentram-se nos bairros da área central do município e a relativa antiguidade de sua presença significativa nesses bairros torna a área um lugar privilegiado da observação da organização das trajetórias dos migrantes, desde os lugares de saída até a inserção na cidade de São Paulo.

Geralmente, é tido como um fato claro que o surgimento, o desenvolvimento e a consolidação da imigração metropolitana é consequência da “reestruturação produtiva”, quadro analítico que privilegia a macro estrutura produtiva, a qual seria responsável pela organização do trabalho e dos fluxos migratórios. Nesse esquema, os migrantes seriam atores dependentes e sem autonomia que respondem a lógicas econômicas superiores e exteriores.

Em vez de fazer das mudanças estruturais o determinante da evolução dos padrões migratórios, eu prefiro adotar neste texto uma perspectiva segundo a qual os próprios migrantes são os principais vetores da reorganização produtiva no setor das confecções, por eles definida e orientada em função da conjunção de interesses e escolhas que caracterizam seus projetos e trajetórias migratórias. Nesse caso, o projeto migratório é uma construção retrospectiva que se baseia na identificação de trajetórias migratórias, reconstituídas a partir do levantamento e análise das biografias dos migrantes, recolhidas em entrevistas semi-

---

<sup>1</sup> Agradeço aos organizadores do seminário “São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade” a possibilidade de apresentar uma primeira versão deste texto, e em particular à Prof. Sarah Feldman a organização da mesa redonda “território, etnicidades e cosmopolitismo” e a releitura do texto. Agradeço também ao professor Dominique Vidal (Université Denis Diderot, Paris 7) a leitura crítica do texto e as proveitosas observações.



dirigidas. Portanto, o projeto migratório é identificado pela pesquisa com base em materiais biográfico e a partir da perspectiva longitudinal das trajetórias dos migrantes no espaço urbano.

Esta opção metodológica confere ao migrante o estatuto de um setor relativamente autônomo, considerando-o como o próprio agente das evoluções geográficas e demográficas que os distritos do centro expandido vêm conhecendo ultimamente.

O trabalho baseia-se em estudos feitos no estrangeiro, em particular os de Roger Waldinger (1984, 1990) sobre o empresariado étnico, de Emmanuel Ma Mung (1992, 1999) sobre a questão da autonomia migratória e ainda de Nancy Green (1998, 2002) sobre a história comparada da confecção em Nova York e Paris. Tratando-se de questões envolvendo grupos de migrantes, esses autores insistem na necessidade tanto de não etnicizar a discussão como de cuidar para não dar excessiva importância a efeitos de estrutura. Nessa perspectiva, tento interpretar a trajetória recente de alguns distritos centrais da cidade de São Paulo, focando a espacialização da população migrante e das atividades ligadas ao sub-setor da confecção no centro expandido. Entender a relação entre esses dois elementos, que constituem grande parte da evolução recente desses espaços impõe, a meu ver, que consideremos os projetos migratórios e as trajetórias migratórias dos migrantes internacionais, e suas declinações individuais e familiares<sup>2</sup>.

As nossas fontes de informações são os dados do censo demográfico brasileiro de 2000, entrevistas e observações de campo realizadas desde 2008 e até agosto de 2010. Apesar de algumas restrições importantes, conferimos ao Censo da população de 2000 (IBGE, 2001) um valor importante, e, no que se refere ao tratamento da população estudada, consideramos os micro dados do censo de 2000 como de certa forma uma amostra do que foi a situação da imigração sul-americana no final dos anos 1990 e início dos anos 2000.

As observações foram feitas desde 2008 até hoje, principalmente nos bairros do Brás, Bom Retiro e Pari. As entrevistas foram realizadas num primeiro momento com imigrantes bolivianos e a partir do final de 2009, resolvemos dar uma atenção particular à população paraguaia, cuja importante imigração foi até hoje ignorada, pelo menos no âmbito acadêmico<sup>3</sup>.

## 1.

Nas últimas décadas, o perfil migratório do Brasil foi de um país predominantemente de emigração e, cada vez menos, de imigração. Nos entanto, nos últimos vinte anos, o Brasil vem reconstruindo uma tradição de hospitalidade migratória, em lenta e progressiva extinção desde o final dos anos trinta. Essa renovação aconteceu primeiro com o surgimento de fluxos com origens geográficas novas, em grande parte dos países vizinhos ou da Ásia (Coreia e China). A partir dos anos noventa, esses fluxos cresceram em volume e a maioria dos migrantes que vem dos países vizinhos são da Bolívia, do Paraguai e do Peru. Trata-se de uma certa novidade porque até esses fluxos cresceram e se consolidarem, a imigração regional vinha predominantemente da Argentina, do Chile e do Uruguai. Além disso, a população vinda da Bolívia, Paraguai e Peru atingiu volumes demográficos que superam os volumes da anterior imigração regional.

---

<sup>2</sup> Este trabalho sobre a imigração e a confecção nas áreas centrais de São Paulo é na continuidade de dois projetos de pesquisa recentemente fechado ou em andamento. O primeiro foi realizado junto com o Núcleo de estudos de população (NEPO) da Unicamp e era sobre a imigração regional no Brasil. O segundo<sup>2</sup> é um projeto internacional financiado pela ANR e o IRD (ambos da França), sobre migrações e mobilidade em três metrópoles da América do Sul: Bogotá, Santiago do Chile e São Paulo.

<sup>3</sup> Até hoje, em nossas pesquisas bibliográficas, não encontramos um texto que tratasse especificamente da presença da população paraguaia em São Paulo.

Os imigrantes bolivianos, paraguaios e peruanos apresentam características diferentes dos argentinos, uruguaios e chilenos, os quais, a partir dos anos cinquenta, têm perfis de qualificação profissional média ou superior. Uma parte importante fugia das ditaduras e entrava no Brasil por motivos diretamente ou indiretamente políticos<sup>4</sup>. A partir dos anos noventa, a participação de uma população migrante com uma qualificação profissional básica, escolaridade baixa e rendas e recursos escassos nos lugares de saída vem aumentando, à medida que o costureiro vai se tornando a principal figura de migrante.

Junto com essa concentração em torno da atividade da confecção, observa-se uma concentração geográfica da migração, polarizada na região metropolitana de São Paulo (RMSP), onde provavelmente 80% dos imigrantes recentes no Brasil se encontram. Esse fenômeno não é novo, pois poderia aparecer como a acentuação de uma tendência histórica: São Paulo, a Província, o Estado e logo a cidade, foram desde as décadas finais do século XIX o principal lugar de instalação dos migrantes internacionais.

Os dados da recente anistia dos migrantes irregulares no Brasil nos dão uma ideia sobre os equilíbrios entre as diversas populações imigrantes segundo o país de origem (tabela 1). Encontramos em primeiro lugar a população boliviana, depois, limitando-nos a considerar os sul americanos, vêm os peruanos e os paraguaios em volumes comparáveis. Além disso, sempre segundo o Ministério da Justiça, em São Paulo, foram feitas e aceitas 34 000 demandas de regularização, ou seja 81% do total nacional. Hoje, as estimativas variam, mas é razoável acreditar que em torno de 100 000 bolivianos e 25 000 paraguaios estão presentes na grande São Paulo. Lembramos que o censo demográfico de 2000 identificou uns 250 000 imigrantes internacionais na RMSP, dos quais 9000 nasceram na Bolívia e 2000 tanto no Paraguai quanto no Peru (tabela 2).

Tabela 1. Regularização dos estrangeiros em situação irregular entrados no Brasil antes fevereiro 2009. Resultados parciais das demandas feitas entre junho e dezembro de 2009.

<b>País de nascimento</b>	<b>Ef.</b>	<b>%</b>
Bolívia	16881	40,4
China	5492	13,1
Peru	4642	11,1
Paraguai	4135	9,9
Coreia	1129	2,7
sub total	32279	77,2
Total	41816	100,0

Fonte: Ministério da Justiça, 2010.

<sup>4</sup> É importante mencionar que a oposição política pode envolver vários tipos de represálias que levam a vários motivos de emigração. As ditaduras provocaram a emigração daqueles que, em conseqüências de suas opiniões políticas, eram perseguidos ou ameaçados e temiam por sua liberdade de opinião ou integridade física. Mas, entre os entrevistados paraguaios com mais tempo de presença em São Paulo, também foram encontrados pessoas que, assumindo uma posição política divergente sem ser reivindicativa no seu país, saíram do Paraguai em busca de um trabalho, tornando-se migrantes econômicos por ostracismo, pois o simples fato de não se alistarem no partido do poder (o partido colorado) comprometera severamente sua inserção profissional e logo, as condições de sua sobrevivência.

Observa-se (mapa 1 e 2) uma distribuição da população imigrante em toda a região metropolitana, contudo ela concentra-se nos bairros centrais ou pericentrais. Não aparece uma distinção importante na localização entre os dois grupos e para ambos observa-se uma localização predominante no quadrante nordeste da região metropolitana, com nítido efeito de concentração na ponta do cone, isto é nos bairros centrais do Bom Retiro, Brás, Pari e Belém, principalmente. Os dados apresentados têm dez anos, mas as tendências atuais não contradizem fundamentalmente esse esquema de localização, somente poderíamos mencionar o papel cada vez mais importante dos bairros norte na localização dos imigrantes; entre eles principalmente, a Casa Verde, Tucuruvi, Jardim Brasil. Essa difusão em direção aos bairros norte do município de São Paulo foi observada não somente para os bolivianos (Xavier 2010) mas também para os paraguaios.

Tabela 2: Nascidos na América do Sul residentes na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) em 2000.

<b>País de nascimento</b>	<b>Região Metropolitana de São Paulo (RMSP)</b>
Argentina	6284
Bolívia	8910
Chile	8089
Colômbia	754
Equador	218
Guiana	35
Guiana Francesa	-
Paraguai	2078
Peru	2105
Suriname	18
Uruguai	2854
Venezuela	317
Total nascidos na América do Sul	31662
Total dos nascidos no exterior	250406

Censo demográfico 2000, IBGE.

Além de uma geodinâmica particular, desde as regiões de saída até a região metropolitana de São Paulo, a imigração sul-americana atual em São Paulo distingue-se por suas características sócio-demográficas. O migrantes são, em sua grande maioria, homens, operários, e mais

especificamente costureiros do sub-setor industrial das confecções. Até um passado muito recente, uma grande proporção era indocumentada. A irregularidade de sua permanência contribuiu para a acentuação de sua marginalização (de caráter social e de nenhuma forma geográfico, como acabamos de ver) e fez com que ficassem desconhecidos ou mal conhecidos embora não invisíveis, como repetidas vezes foram qualificados.

A área onde foi realizada a pesquisa é formada pelos distritos do Brás, Pari e Bom Retiro. Existe uma importante documentação acadêmica sobre esses bairros cuja história é ao mesmo tempo recente, porque não remonta além do final do século XIX, e densa porque se confunde com os primeiros momentos da história da cidade de São Paulo (Amadio 2004 ; Andrade 2000 ; Dean 1971 ; Feldman 2009 ; Mangili 2009 ; Monbeig 1953a, 1953b). Esses bairros começam a se urbanizar no final do século XIX. Nas décadas anteriores, tinham uma relação funcional importante com a cidade nascente de São Paulo, lembramos que em 1872, São Paulo tinha 26 000 habitantes e já 240 000 em 1900, pois a área era parte do chamado “cinturão das chácaras”, propriedades adquiridas pelas camadas mais ricas da sociedade paulista onde ao lado de residências secundárias se desenvolviam áreas de cultivo de legumes e frutas, para o consumo próprio e abastecimento da cidade. Era também uma área de lazeres campestres para todos, em razão sempre de sua proximidade com centro da cidade mas também de sua localização nas beiras do rio Tietê, espaço ainda semi-rural e ameno.

O cinturão das chácaras foi ser essencial para o rápido processo de urbanização da cidade de São Paulo. Segundo a descrição de L. Mangili (2009), em poucas décadas, a área vai desenvolver e concentrar várias funções. Num primeiro momento, a partir da década de 1880, as chácaras vão ser arruadas e loteadas, para atender a demanda crescente por terras por parte do setor industrial nascente que precisa localizar instalações industriais e construir moradias para os operários. O arruamento de várias chácaras vai formar o bairro do Bom Retiro situado na área chamada anteriormente Campos de Guaré. Uma das principais delas, situada na parte ocidental do bairro atual, pertencia a Manfred Mayer, um judeu emigrado da Alsácia que compara sua chácara do Barão de Iguapé<sup>5</sup>.

Rapidamente, em função de opções no arruamento e traçado dos lotes, os bairros do Bom Retiro e Brás vão se definir como bairros industriais e operários, quando áreas vizinhas assumem trajetórias urbanas diferentes, na área dos Campos Elíseos por exemplo, optou-se por um arruamento menos denso que desenhasse lotes mais amplos e espaçosos para atender à demanda da classe alta, o que afinal vai determinar a diferenciação social do bairro em relação ao Bom Retiro vizinho.

O segundo elemento que vai ser determinante no processo de urbanização e especialização dos bairros próximos ao centro foi a construção de infraestruturas ferroviárias (linhas e estações)<sup>6</sup>. O traçado vai acelerar a diferenciação do espaço urbano em formação de duas formas. Primeiro, pelas atividades que a proximidade da linhas e estações gera, as quais são de dois tipos. Uma é de apoio ao desenvolvimento ferroviário e significam a construção de escritórios e moradias para os funcionários, a implantação de serviços e comércios diversos (restaurantes, hotéis, talheres...). Outras são consequência da articulação ao complexo ferroviário que projeta os lugares articulados em espaços vastos, regionais e até transnacionais

---

<sup>5</sup> É importante insistir no fato que o processo de urbanização foi engajado a partir da atuação de um novo ator cujo perfil difere profundamente do anterior. Um imigrante internacional se substitui a um aristocrata e faz escolhas radicalmente diferentes para a terra que comprou, traçando uma trajetória nova para o espaço muito além dos limites de sua chácara. Nesse caso já podemos identificar as temáticas que nos interessam nesses textos : como a atuação de um indivíduo, em função da qualidade de migrante que define suas escolhas, vai interferir e redefinir o processo de formação do espaço.

<sup>6</sup> A Província de São Paulo totalizava 139 km de ferrovias em 1870 e 2425 km em 1890 (Mangili 2009).

e acelera fortemente o desenvolvimento das atividades e infraestruturas industriais (fábricas, talheres, galpões) e conexas, como o acolhimento da mão de obra imigrante, seja temporário na Hospedaria do migrante, seja duradouro no bairros operários em formação.

Segundo, o traçado da ferrovia também definiu linhas de diferenciação do espaço urbano. A linha divisória do espaço que marca a estrada do ferro, vai rapidamente marcar uma acentuada ruptura em dito espaço já que de ambos os lados as trajetórias urbanas vão se diferenciar, tanto morfológicamente quanto funcionalmente (Villaça 1998).

Nas últimas décadas do século XIX, a zona já se tornara a área industrial predominante da cidade, centrada nas atividades têxteis e metalúrgicas, paralelamente, define-se a função residencial marcada pela concentração de uma população operária e estrangeira (portugueses, italianos, espanhóis,...).

No entanto, nas primeiras décadas do século XX, desenvolve-se, ao lado das grandes unidades de produção industrial, uma produção de porte médio e pequeno que vai aos poucos ganhar espaço e importância, até tornar-se predominante (Mangili 2009). Nessa época, o rápido desenvolvimento dos pequenos talheres artesanais e industriais, no fundos dos quintais, nos próprios domicílios ou em cômodos de prédios residenciais surge, por um lado, como consequência do desemprego cíclico e estrutural no setor cafeeiro, cuja mão-de-obra cresce a um ritmo muito rápido com a chegada de centenas de milhares de imigrantes europeus entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Por outro lado, junto à integração no mercado de trabalho urbano industrial e artesanal de uma parte dos excedentes da mão de obra rural, encontram-se atores econômicos que chegam na cidade, empurrados pela intenção de se envolverem no setor industrial emergente e na vida urbana. Muitos são imigrantes internacionais, uns chegam com um capital e um projeto empresarial formado no país de origem ou na fazenda de café do interior da São Paulo, outros estão sem capital, mas atraídos pelas perspectivas de um crescimento urbano mirabolante.

A multiplicação das unidades indústrias de pequeno porte e a co-existência trabalho-moradia vão caracterizar o desenvolvimento urbano e industrial nos bairros do Brás, Bom Retiro e Pari no primeiro quartel do século XX. Mas, essas características vão perdurar depois das mudanças que ocorrem na área a partir dos anos 1930, isto é a compactação e adensamento dos bairros (Mangili 2009, p. 56), e apesar do início da fase de metropolização dos anos 1930-40 quando, por conta do movimento de periferização, o modelo de urbanização evolui e generaliza, à escala da cidade, a dissociação dos lugares de trabalho e moradia entre habitantes (Amadio 2004, p. 120). Na fase de constituição da periferia, os bairros centrais entreteram portanto uma distinção funcional e morfológica, identificada pela importante presença de cortiços. Hoje, ela é perpetuada e acentuada pelos novos imigrantes internacionais, bolivianos, paraguaios e peruanos, fazendo com que se mantenha pouco alterado o padrão urbanístico original inaugurado pelos imigrantes europeus e seguido pelas primeiras levadas de migrantes internos, nordestinos ou mineiros.

A partir dos anos 1960, e de maneira mais marcada ainda nas décadas dos 1970, 1980 e 1990, a indústria de São Paulo transfere-se gradativamente para a periferia do município, para os municípios da região metropolitana, o interior do Estado ou, ainda, Estados distantes do Nordeste e do Sul (Kontic 2007 ; Meyer, Grostein, Biderman 2004 ; Rolnik 2001 ; Silva 2008).

Os operários “históricos”, isto é estrangeiros, também tinham saído desses bairros. Devido à diminuição dos fluxos de entrada de imigrantes internacionais, a partir dos anos 1930, a presença estrangeira começa a tornar-se mais escassa na cidade de São Paulo quando acontece a segunda guerra mundial. Logo, os imigrantes são cada vez menos presentes no Brás, Bom Retiro, e Pari, sendo que, além das perdas demográficas (por envelhecimento e retorno), uma

parte importante, seja os próprios migrantes, seja seus filhos, passaram por um processo de ascensão social cuja realização implicou uma mobilidade residencial para bairros mais nobres, em direção a Higienópolis, por exemplo. Os bairros centrais vão perdendo rapidamente a influência direta ou indireta (dos próprios migrantes e de seus descendentes) dos imigrantes internacionais.

Contudo, apesar da diminuição da população estrangeira e da evolução de seu perfil, a população operária foi crescendo em São Paulo, mas os imigrantes internacionais e seus filhos foram substituídos por migrantes internos, entre os quais predominavam os mineiros e nordestinos. Já a partir dos anos 1940, o movimento é significativo, e nas décadas seguinte a migração interna para cidade de São Paulo terá uma magnitude maior do que a anterior imigração internacional e vai alimentar o vasto movimento de expansão da periferia. Uma parte dos migrantes internos seguiu definindo sua residência nos bairros centrais, enquanto os outros sustentaram o movimento de espalhamento urbano: o padrão de residência nos bairros centrais para a classe popular e operária não é mais dominante.

Em consequência, os bairros do Bom Retiro, Brás foram perdendo aos poucos parte de seus papéis industrial e residencial. É nítido no que se refere à função residencial, esses distritos perdem população na década dos 1980, 1990 e têm densidades urbanas baixas em comparação com os outros distritos do município. Entre 1981 e 2000, a população do Bom Retiro diminui um 44%, a do Brás um 35%. Hoje esse dois distritos têm densidades habitacionais respectivamente de 67 e 77 habitantes por hectare<sup>7</sup>.

Hoje então, O Brás e o Bom Retiro e, de maneira crescente, o Pari, são áreas essencialmente comerciais e especializadas na comercialização de roupas, no atacado e no varejo, segundo várias modalidades<sup>8</sup>: em lojas de prédios comerciais, em barracas nas feiras (feira da madrugada nas ruas Barão de Ladário, Oriente e vizinhas) e na calçada nas principais ruas do bairro (fotos 1, 2). Essa atividade específica alimenta outras, direta ou indiretamente, as quais procuram a proximidade geográfica com o mercado que abastecem ou do qual dependem e se instalam no bairro. São as lojas de venda de aviamentos, de venda e concerto de diversos tipos de máquinas de costura (na rua São Caetano, por exemplo),... mas também inclui o comércio ambulante que oferece alimentos e bebidas e artigos de bazar à numerosa população de clientes que circula dia e noite, seis dias por semana, pelas ruas do bairro, à procura de artigos de vestuário.

Mais discreto, mas muito importante é toda a produção industrial que corresponde essencialmente a confecção de roupas. Ela ocorre em oficinas de costura que são estruturas pequenas e medianas. Elas juntam aproximadamente entre 3 e 30 trabalhadores, principalmente costureiros, e são discretamente instaladas nos pisos superiores dos prédios comerciais.

Então, é importante mencionar por lado que a produção industrial, isto é a confecção, se manteve ou pelo menos voltou nos bairros centrais, enquanto grande parte da indústria tradicional (têxtil, siderúrgica, por exemplo) tem saído desses mesmos bairros. Por outro lado, o dinamismo fabril deve ser relacionado com o fato descrito anteriormente ou seja, a

---

<sup>7</sup> O Distrito do Brás vem perdendo população pelo menos desde do anos 1930 ; em 1934 contava com 83000 habitantes (Amadio 2004, p. 117). A evolução demográfica do Bom Retiro e do Pari é menos linear mas a diminuição da população acentua-se no último quartel do século XX.

<sup>8</sup> Existem outras atividades importantes nesses bairros, principalmente no Brás, mencionemos por exemplo o comércio atacadista de produtos alimentícios, secos e úmidos ; a construção e o conserto de máquinas ferramentas, a fabricação e o comércio de têxteis ; mas a confecção de roupas e sua venda são as atividades que mais espaço urbano ocupam e mão-de-obra movimentam.

crescente presença (como trabalhadores e moradores) da mão de obra estrangeira nas oficinas de costura desses bairros.

2.

A presença dos imigrantes sul-americanos no Brás, Bom Retiro e Pari cria uma disjunção no modelo de urbanização e povoamento dos bairros centrais, tal qual costuma ser observado e definido, por grande parte dos urbanistas, geógrafos e demógrafos que insistem (com razão) na diminuição do número de habitantes e domicílios e na saída das atividades industriais nessas áreas da cidade. Essa disjunção criada pelos novos fluxos de imigração internacional é dupla:

- Primeiro porque os migrantes internacionais sul-americanos, cuja chegada vem aumentando muito desde o final dos anos 1990, estabeleceu as condições de inverter a tendência à desertificação dos bairros centrais observada há várias décadas, sem que isso tenha sido corretamente identificado pelo censo demográfico de 2000<sup>9</sup>.

- Segundo, porque os imigrantes contribuíram para o reassentamento (a continuidade) da atividade industrial nos bairros centrais, da qual pensava-se que tinha saído das áreas centrais para se instalar definitivamente nas periferias urbanas de São Paulo e outras cidades do país. É importante notar que essa reinstalação aconteceu junto com uma evolução da estrutura da produção, doravante, nas áreas centrais, articulada nas oficinas de costura, peça central da disjunção no dispositivo sócio-territorial que mencionamos.

A oficina de costura é uma estrutura flexível em relação a seu tamanho é função disso. Logo uma oficina varia de uma estrutura com um ou dois costureiros a quarenta empregados, em grande maioria costureiros. O que a distingue essencialmente das fábricas tradicionais não é tanto seu tamanho, embora seja uma diferença importante, quanto o fato que a oficina é subcontratada, por uma loja, por um magazine, por uma grande marca. Para manter/criar uma atividade, ela aposta que vai garantir a capacidade de reatividade e flexibilidade de seus clientes que são as lojas, marcas, magazines, que trabalham com os consumidores finais cujas preferências e exigências evoluem constantemente e rapidamente. O desenvolvimento recente e importante da demanda popular em artigos de vestuário dinamizou o setor. Essa demanda popular, esse consumo crescente de roupas deve-se evidentemente ao crescimento do poder aquisitivo nas populações de baixa renda, mas também não se pode perder de vista o contexto da urbanização e metropolização. A cidade, a metrópole, é o lugar onde se cria a dinâmica da moda, ou seja a combinação de um processo de fomento e diversificação dos gostos e preferências estéticas das populações, e um dispositivo produtivo complexo. Portanto, as populações urbanizadas vão adotar rapidamente novas práticas culturais (preocupações estéticas) e econômicas (crescimento do consumo), as quais o setor industrial das confecções vai não somente aproveitar senão também estimular pela diversificação, difusão, e renovação em ciclos curtos das coleções de roupas<sup>10</sup>.

A oficina, tanto cria quanto responde à grande necessidade de circulação de mercadorias nas mãos dos consumidores finais. Ela garante e gera a aceleração do consumo *per capita* de roupas. Um dos imperativos do sistema é garantir a fluidez e a rapidez da circulação dos

---

<sup>9</sup> O censo de 2010 deveria dar melhores resultados na descrição dessa população cujo volume aumentou e situação melhorou desde a época do censo anterior quando uma proporção importante ficavam em situação irregular.

<sup>10</sup> Seria importante considerar a dimensão individual da relação que existe entre moda e cidade: como, no contexto urbano, as pessoas, individualmente, se percebem e projetam no grupo? Pois a moda se define também pela relação da própria pessoa com o grupo.

produtos e das informações. O sistema resolve parcialmente essa questão mantendo a proximidade geográfica entre seus diversos atores. Os bairros do Brás e do Bom Retiro realizam essa concentração geográfica, a qual organiza-se em torno a dois lugares: a rua, onde se encontram os consumidores finais e o comerciante/produtor nos três tipos de locais acima mencionados (a loja e a barraca da calçada, seja da feira, seja do ambulante) e nos prédios do bairro, onde, nos andares superiores, as oficinas organizam a produção. As oficinas do Brás e do Bom Retiro melhoram seu empenho não somente porque elas ficam próximas aos clientes e consumidores finais, elas também se beneficiam da proximidade da mão de obra, que mora no bairro ou até na própria oficina. Para finalmente otimizar o funcionamento da oficina, a mão de obra há de ser disponível e flexível (seja enquanto a horários, ritmos de trabalho, mobilidade entre as oficinas, tudo isso em função das variações curtas da demanda). A realização dessas condições garantem a competitividade de uma oficina.

É comum comparar a oficina do Brás e do Bom Retiro com o “*sweatshop*”, termo que se refere a outro lugar e outra época, precisamente, à confecção na Inglaterra e nos Estados Unidos do final do século XIX e na primeira metade do século XX.

A referência justifica-se porque existem muitos pontos em comum entre a oficina e o *sweatshop*: o tamanho da estrutura e a organização da produção (subcontratação) e do trabalho caracterizada pelo informalidade, a flexibilidade e a precariedade; a importante presença de uma mão de obra estrangeira em um lugar de trabalho insalubre que eventualmente é também o lugar de residência dos próprios operários. O trabalho de costureiro é desgastante e penoso e, segundo Nancy Green (Green 1998, 249), 80% da mão de obra na confecção é composta por operadores de máquinas de costura, cujo “*savoir-faire*” significa rapidez e precisão”.

Mas a comparação entre a oficina atual e o *sweatshop* precisaria ser contextualizada e seria importante conhecer detalhadamente a oficina de costura, seus atores e organização, porque o insuficiente conhecimento da oficina onde é empregada uma mão de obra estrangeira facilitou qualificações abusivas e sistemáticas, em particular quando se tende a considerar o trabalho nas oficinas como necessariamente semi-escravo, ou quando as relações sociais que existem em torno e nas oficinas são analisadas em função das diferenças étnicas dos grupos nelas envolvidos: É comum descrever e definir etnicamente a divisão do trabalho colocando os coreanos na situação de empregadores que exploram a mão de obra boliviana semi-cativa. Por exemplo, a descrição das diferentes atividades que existem numa mesma oficina (cozinha, passador de roupa, ajudante, costureiro (distinguindo práticas em vários tipos de máquinas), piloteiro, encarregado) e o levantamento das trajetórias profissionais dos migrantes na oficina mesma, demonstraria que a oficina é um lugar de rápida ascensão social para muitos migrantes.

No entanto, existe uma especificidade da oficina, tal como a descrevemos brevemente, que está relacionada à presença e caracteres da mão de obra imigrada e estrangeira.

### 3.

A associação da imigração internacional e da indústria da confecção materializa-se nas oficinas de confecção e produz arranjos territoriais impactantes e específicos nos bairros centrais: por um lado uma possível tendência ao repovoamento (instalação de populações novas e crescimento demográfico) e, por outro lado, a preservação (mediante adaptações) das atividades industriais (a confecção de roupas) nos bairros estudados.



Como poderíamos explicar esse elemento e sobretudo, porque entendê-los como uma especificidade relacionada às características da dinâmica da imigração internacional ?

Primeiro, voltamos a insistir no fato de que essas mudanças são diretamente relacionadas à chegada dos imigrantes sul-americanos, já que se observam formas de espacialização realmente diferentes entre os trabalhadores da indústria de confecção sul-americanos e brasileiros. A confecção não perdera de seu dinamismo antes da chegada dos migrantes sul-americanos, e eles, com certeza, não monopolizam esse setor de atividade, mas conseguiram inaugurar, ou pelo menos, desenvolver o modelo de oficinas<sup>11</sup> que acabamos de descrever, e que deve ser percebido como um dispositivo territorial.

Na região metropolitana de São Paulo, em 2000, foram recenseados cerca de 135 000 costureiros (“operadores de máquinas de costura de roupas”, segunda a terminologia do IBGE). A maioria são migrantes internos, originários principalmente da região Nordeste do Brasil, enquanto foram identificados somente 3563 costureiros imigrantes internacionais (dos quais, 69% são bolivianos, paraguaios e peruanos)<sup>12</sup> representando 1,8% do total dos costureiros da RMSP.

A grande parte desses 135 000 operários trabalham em casa ou em grandes fábricas. Os que trabalham em oficinas são menos numerosos e grande parte das oficinas que contratam brasileiros têm formas de organização e funcionamento diferentes daquelas oficinas que predominam no Brás e no Bom Retiro e que contratam principalmente uma mão de obra estrangeira. Por outro lado, os costureiros brasileiros, na maioria dos casos, moram longe das áreas centrais, e muitos moram na periferia (IBGE, 2003). Em 2000, os costureiros bolivianos, paraguaios e peruanos representavam 38,5% do total dos costureiros (estrangeiros e brasileiros) que moravam nos distritos do Bom Retiro, Brás, Pari. Além disso, 19% do total dos costureiros bolivianos, paraguaios e peruanos da RMSP moram no Bom Retiro, Brás e Pari, enquanto somente 1% do total metropolitano dos costureiros nordestinos moram nesses três distritos (Ibge 2003).

Portanto, pode-se dizer que existe um modelo sócio-espacial específico dos imigrantes internacionais que trabalham na confecção de roupas que os distingue de seus colegas brasileiros.

Como explicar essa diferença entre os costureiros imigrantes internacionais e os costureiros brasileiros que se observa nos lugares de residência e na organização da atividade?

Poderíamos usar argumentos a favor de efeitos estruturais: a reestruturação produtiva (desconcentração/reconcentração industrial), a transição demográfica (crescimento urbano y modalidades do povoamento), a dinâmica do mercado imobiliário (movimento de dispersão da periferia pela área metropolitana) mas parece interessante também adotar uma perspectiva individual, biográfica, a do migrante e seu projeto migratório. Os migrantes, internos ou internacionais, costumam trazer consigo um projeto de acesso a propriedade. Mas, enquanto os bolivianos e paraguaios ainda privilegiam a realização desse projeto em sua terra natal (na Bolívia ou no Paraguai), entre os migrantes internos a acessão à propriedade é projetada em São Paulo.

A força do enraizamento das projeções do migrante no lugar de origem não depende exclusivamente de sua origem, estrangeira ou nacional; em outras palavras os laços com os lugares de origem não são fortes para os estrangeiros e fracos para os migrantes internos. Essa distinção é parcialmente válida, mas o que afrouxa os laços com os lugares de origem, e que

---

<sup>11</sup> O modelo da oficina de subcontratação foi provavelmente promovido pelos imigrantes coreanos, que aos poucos, facilitaram a inserção dos sul-americanos em todos os hierárquicos do dispositivo.

<sup>12</sup> O sub-registro dos bolivianos, paraguaios e bolivianos no Censo 2000 é conhecido. Mas o que foi captado é especialização deles na confecção, já que, por exemplo, 25% do total dos bolivianos eram costureiros (ou seja 40% dos ativos).

aos poucos introduz rupturas na biografia dos migrantes, é sem dúvida o tempo acumulado no lugar de destino e com ele acontecimentos decisivos no ciclo de vida. Entre eles, cabe mencionar uma união, um nascimento, a entrada na idade adulta dos filhos que resolvem formar uma domicílio nesse mesmo lugar. São eventos que aos poucos sedentizam os migrantes e afastam a perspectiva de um retorno. No caso de São Paulo essa perspectiva temporal deve ser considerada para entender diferenças importantes entre os migrantes internos e internacionais, já que a migração interna vem ocorrendo desde há muito tempo, muito mais do que a migração internacional da qual se trata aqui.

Mas o fato de identificarmos diferenças nas projeções do acesso à propriedade entre os bolivianos e paraguaios por um lado, e os migrantes internos por outro, não explica as diferenças de localização na cidade entre uns e outros. Somente explica porque é que os migrantes internacionais alugam mais, enquanto os migrantes internos são mais proprietários, e não explica as diferenças de localização geográfica das residências entre os dois grupos: de tal forma que os migrantes internos poderiam ser proprietários no centro expandido enquanto os imigrantes internacionais seriam locatários nas periferias; situação que não acontece, ou de forma minoritária (ainda)<sup>13</sup>. Para explicar esse dado, deve-se pensar nas formas históricas como e aonde os migrantes internos acederam à propriedade: em grande parte o acesso à propriedade se fez e se faz pela moradia social mas, sobretudo, pela autoconstrução que historicamente foi possível porque aconteceu junto com o crescimento das periferias: tornar-se proprietário significou morar e construir (n)a periferia, ou seja longe do lugar de trabalho que foi durante muito o principal determinante da localização da moradia. Portanto, o acesso à propriedade significou uma ruptura na relação moradia/trabalho, passando de um padrão de coexistência à dissociação espacial.

Por outro lado, no centro expandido segue existindo uma oferta de habitações em locação, em particular nos cortiços, o que torna possível a presença dos migrantes internacionais nas áreas centrais.

Para terminar, podemos nos perguntar porque é que cresceu tanto o sistema das oficinas, no padrão que descrevemos acima? De novo, poderíamos mencionar a evolução da organização do conjunto do setor têxtil no âmbito da globalização, da abertura dos mercados nacionais e no fomento de uma concorrência internacional acirrada. Para sobreviver nesse contexto, os setores teve de se flexibilizar para melhorar sua produtividade e reatividade e, para tal, procurou uma mão de obra flexível e barata, condições de trabalho facilmente aceitas entre os migrantes bolivianos e paraguaios em situação de vulnerabilidade. Aparentemente, a oficina tem cumprido essas exigências de adaptação, em benefício a todo o setor. Mas o fato de que as oficinas tenham se desenvolvido e, ao mesmo tempo, tenham sido cada vez mais associadas a uma população imigrante internacional (mão de obra e dono) tem a ver, novamente, com as características dos projetos dos migrantes internacionais e certas disposições freqüentemente compartilhadas entre eles, os que acreditam que a ascensão social pode ser realizada num projeto migratório articulado no empresariado.

Se lembrarmos que a oficina de costura ela é pequena, que ela envolve um capital limitado, que ela produz rapidamente, que existe uma mão de obra disponível e flexível (que eventualmente se submeteria às duras condições do trabalho na perspectiva de poder rapidamente ganhar conhecimento e experiência e ascender ao empresariado), que ela pode

---

<sup>13</sup> Não é à toa que muitos dos migrantes bolivianos e paraguaios que se instalaram nas periferias da zona norte e leste são donos de pequenas oficinas, mesmo que modestas e clandestinas. Para eles, a saída do assalariado e a entrada no empresariado justificou um movimento em direção à periferia. A periferização, entre os migrantes bolivianos e paraguaios, ela acontece como materialização de um projeto empresarial e não por conta de uma vontade de acessão à propriedade imobiliária. Esse elemento qualifica de forma diferente o movimento de periferização dos migrantes internacionais em comparação com a maioria de seus vizinhos na periferia.

existir de forma irregular administrativamente, logo vemos que a oficina atende às expectativas do empreendedorismo migrante. Desta perspectiva, os migrantes seriam os promotores desses modelos de oficinas.

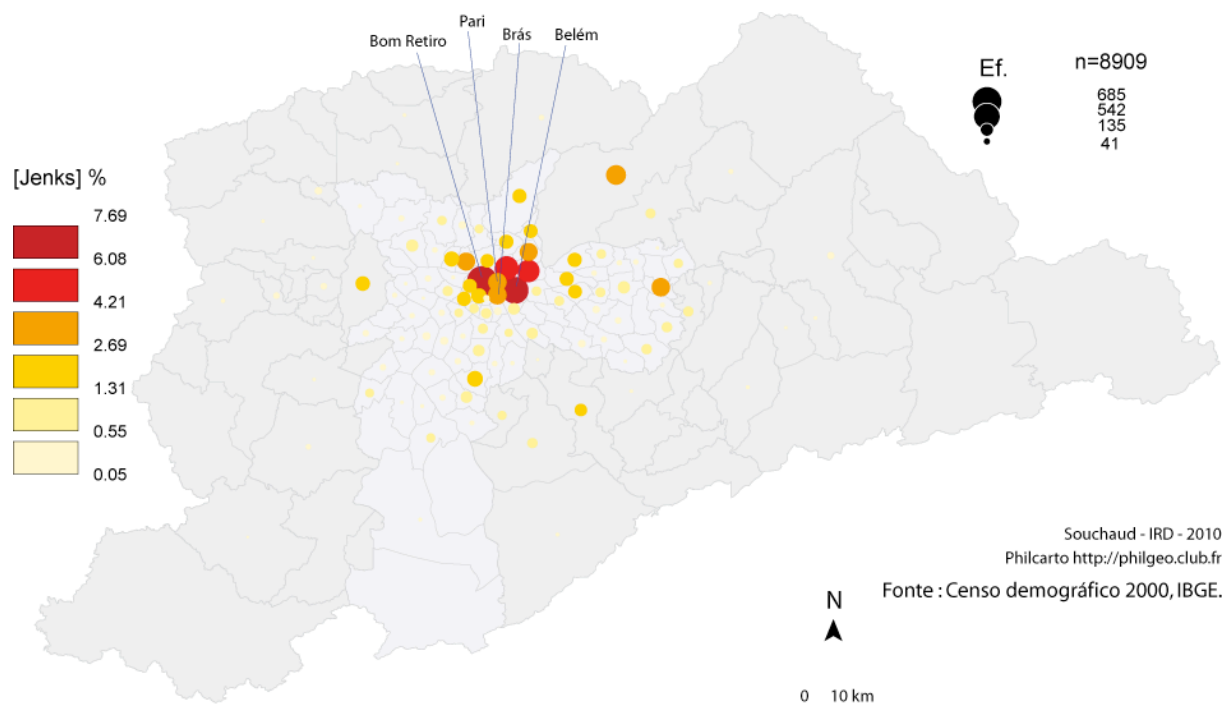
## **Conclusão**

Segundo os elementos apresentados neste texto, aparece em primeiro lugar que a atual dinâmica da imigração em São Paulo surge como uma resposta à adaptação do setor da confecção de roupas à irresistível necessidade de flexibilidade que se impôs ao setor. Os migrantes internacionais são os promotores da flexibilização do setor industrial e, de certa forma, a oficina de costura reflete a adesão aos valores do empreendedorismo que sustentam o projeto migratório de numerosos estrangeiros, qualquer que seja seu posicionamento na hierarquia no setor, sejam donos de oficina, costureiros ou ajudantes. A oficina de costura, independentemente das duras e as vezes desumanas condições de trabalho que se podem observar, é considerada pelo migrante como o espaço de sua possível ascensão social, valor que fundamenta seu projeto migratório; não que o migrante não esteja ciente da iniquidade de sua situação, ou que ele a julgue aceitável porque a compara com a situação que viveu no lugar de origem, mas principalmente porque ele a vê como transitória e suscetível de melhora, caso “se esforce”. Esse é provavelmente um dos principais mecanismos que conferem seu sucesso à oficina. Muitos costureiros começaram como ajudantes, uns e outros tornaram-se piloteiros, enquanto outros montaram uma oficina. A perspectiva de uma mudança/melhora individual torna a situação presente aceitável (por mais penosa e difícil que seja), porque é vista como transitória.

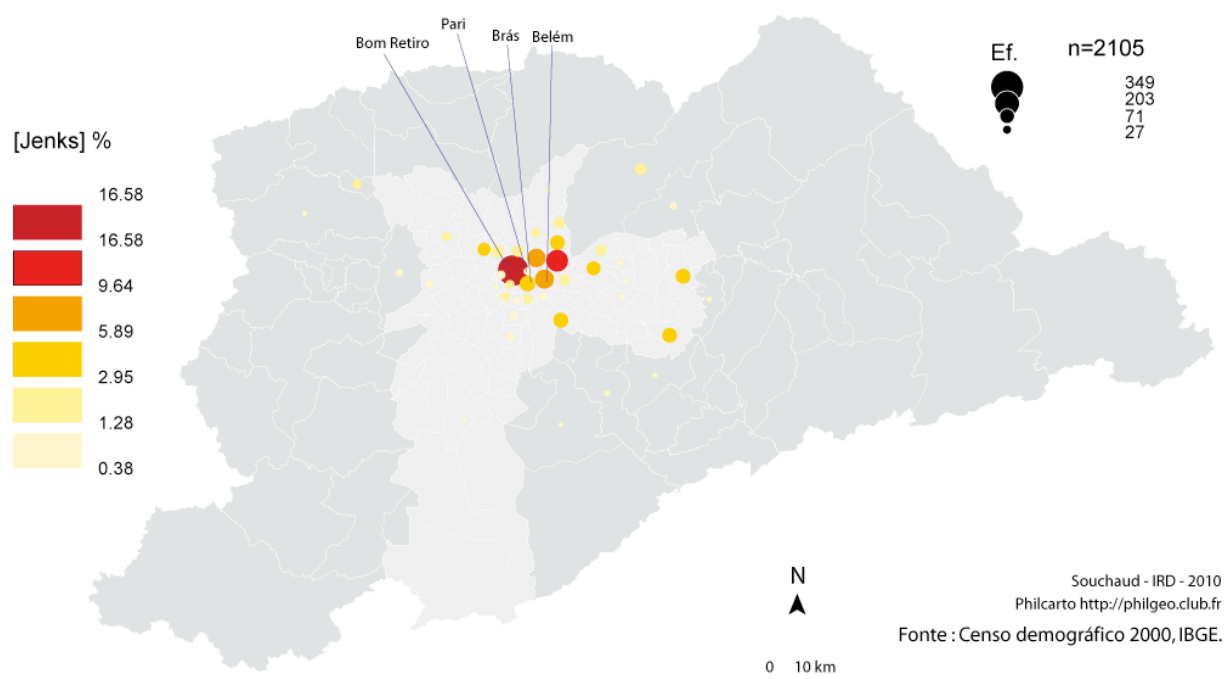
Ao contrário, a falta de uma perspectiva de evolução pode provocar a migração. Os migrantes não insistem nas dificuldades reais pelas quais passaram e, quando se tenta saber porque razões saíram de seu país, numerosos trabalhadores do setor preferem insistir sobre o fato de que lá “não havia oportunidade” para “melhorar” “avançar” e que as oficinas ofereciam essa perspectiva de mudança.

Por outro lado, a atuação dos migrantes na reorganização da confecção favoreceu uma inserção urbana caracterizada pela revalorização de áreas do centro expandido, lugar de trabalho e de residência, já que no Brás, Bom Retiro e Pari encontramos uma proporção significativa tanto das oficinas onde trabalham quanto das residências onde moram os migrantes internacionais. Não é raro ouvir que essa localização residencial não decorre de uma escolha e sim de uma situação conseqüente da organização de mercado do trabalho, imposta pelo dono da oficina onde trabalham. Mas, muitos migrantes residem nos bairros centrais por escolha, e isso não somente ocorre em função da proximidade do mercado de trabalho, mas também na procura de relações de vizinhança e proximidade com os conterrâneos e, como vimos, em função de diferenças existentes nos projetos migratórios dos imigrantes internacionais e dos brasileiros, que moldam olhares diferenciados sobre os espaços urbanos, centrais e periféricos. Essa migração que contribui para reativar a função residencial no centro expandido ainda é recente e será preciso observá-la no futuro para ver se as tendências se consolidam ou se surge uma mobilidade residencial majoritária para outros bairros da cidade, fazendo com que essa polarização residencial no Brás e no Bom Retiro tenha sido somente temporária e associada a um momento específico do ciclo migratório dos bolivianos e paraguaios em São Paulo.

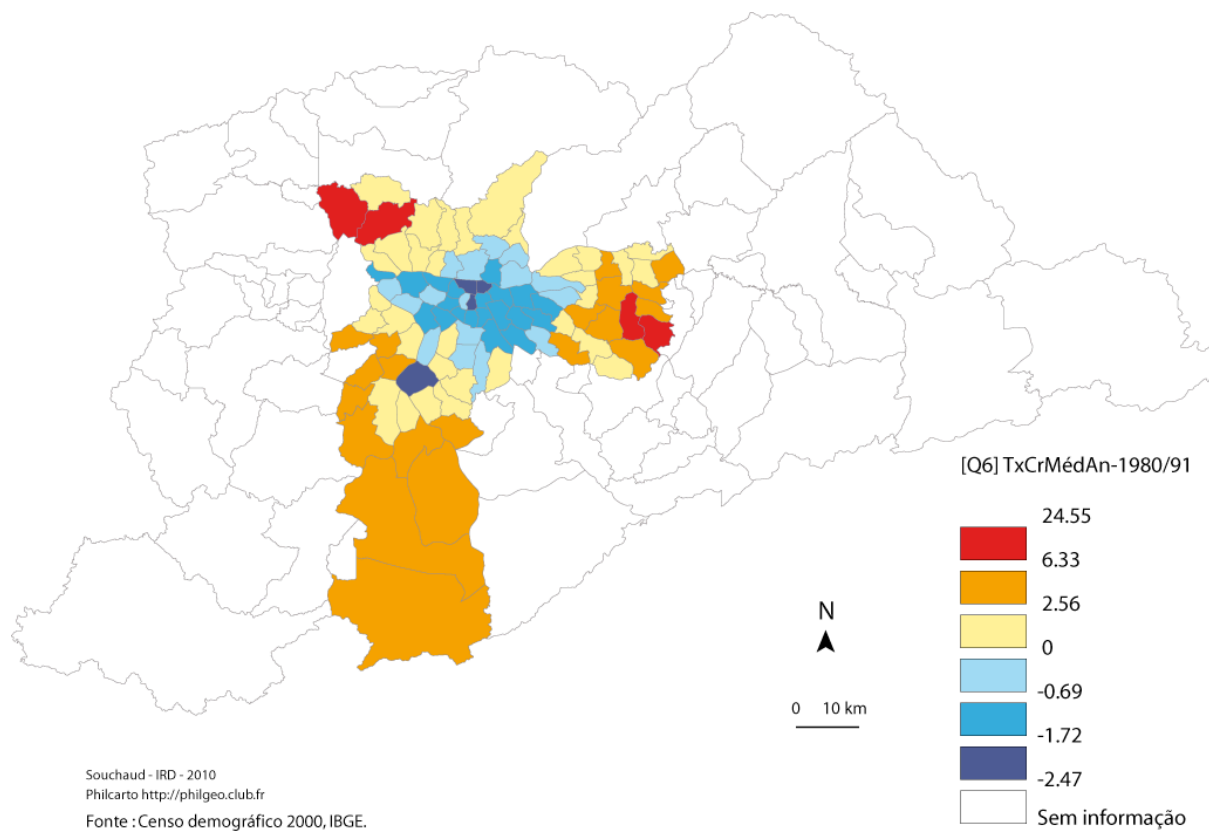
Mapa 1. Imigração boliviana em São Paulo.  
Distribuição da população nascida na Bolívia, segundo o distrito de residência em 2000.



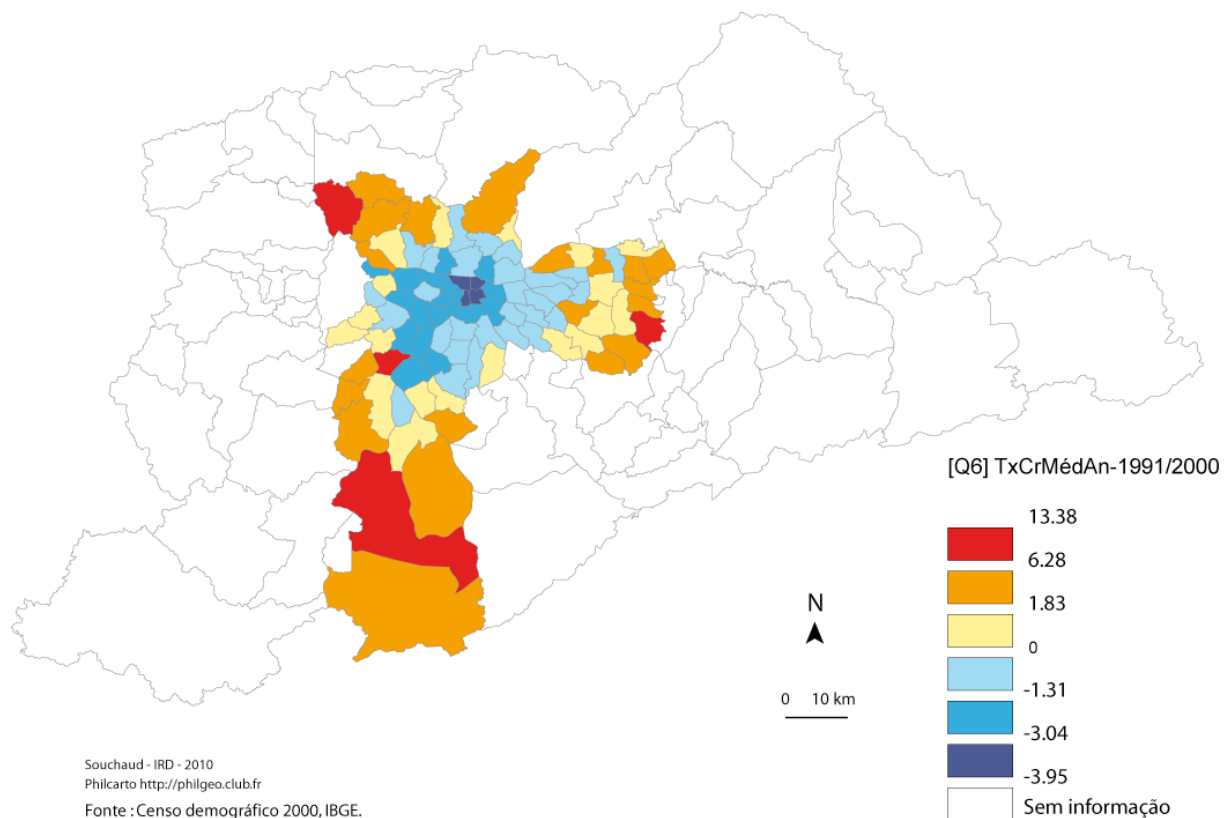
Mapa 2. Imigração boliviana recente em São Paulo.  
Distribuição da população residente em Bolívia em 1995, segundo o distrito de residência em 2000.



Mapa 3. São Paulo, crescimento anual médio da população por distrito, entre 1981 e 1991.



Mapa 4. São Paulo, crescimento anual médio da população por distrito, entre 1991 e 2000.



Mapa 5. Costureiros em São Paulo.

Distribuição da população costureira segundo o distrito de residência em 2000.

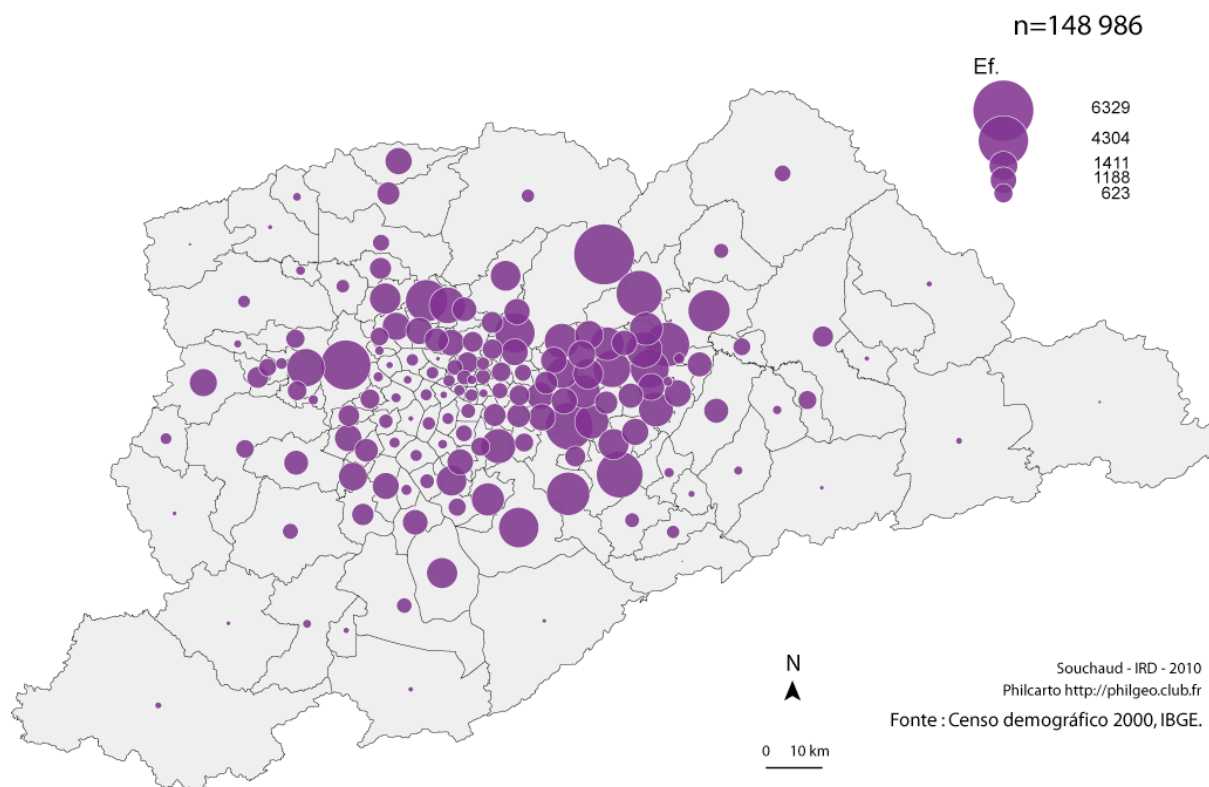




Foto 1. Prédios de uso misto no Brás : lojas de roupa no térreo, oficinas de costura e depósitos no primeiro andar.



Souchaud - IRD, 2009



Foto 2. A feira da madrugada, rua Oriente.



Souchaud - IRD, 2010

Foto 3. Vendedores ambulantes nas calçadas do Brás.



Souchaud - IRD, 2009



Foto 4: Imigrantes paraguaios trabalhando numa oficina do Bom Retiro.



Souchaud - IRD, 2010

Foto 5. Equipamentos duma oficina no Bom Retiro.



Souchaud - IRD, 2010



Foto 6. Quarto dos funcionários imigrantes numa oficina do Bom Retiro.



Souchaud - IRD, 2010

Foto 7. Prédio residencial no Brás com domicílios de imigrantes bolivianos e migrantes internos. Alguns apartamentos misturam residência e oficina de costura.



Souchaud - IRD, 2009

## Bibliographie

- Amadio, Decio (2004) *Desenho urbano e bairros centrais de São Paulo: um estudo sobre a formação e transformação do Brás, Bom Retiro e Pari*, Doutorado, Faculdade de arquitetura e urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 483 p.
- Andrade, Margarida Maria de (2000) «Brás, Moóca e Belenzino, formação e dissolução dos antigos bairros "italiano" além-Tamanduateí», *Travessia*, XIII (38), São Paulo, CEM, pp. 5-10.
- Dean, Warren (1971) *A industrialização de São Paulo*, São Paulo, 269 p.
- Feldman, Sarah (2009) Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central, in *Workshop do Projeto Temático FAPESP- "São Paulo. Os estrangeiros e a construção da cidade."*, São Paulo, 25 p.
- Green, Nancy L. (1998) *Du Sentier à la 7e avenue. La confection et les immigrés Paris-New York 1880-1980*, Paris, Seuil, 461 p.
- Green, Nancy L. (2002) *Repenser les migrations*, Paris, PUF, 138 p.
- IBGE (2003) *Censo demográfico 2000*, Rio de Janeiro, FIBGE.
- Kontic, Branislav (2007) *Inovação e redes sociais: A indústria da moda em São Paulo*, doutorado, departamento de sociologia, USP, São Paulo, 157 p.
- Ma Mung, Emmanuel (1992) «Dispositif économique et ressources spatiales : éléments d'une économie de diaspora», *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 8 (3), Poitiers.
- Ma Mung, Emmanuel (1999) *Autonomie, migrations et altérité*, Habilitation à diriger des recherches, Géographie, Université de Poitiers, Poitiers, 457 p.
- Mangili, Liziane Peres (2009) *Transformações e permanências no bairro do Bom Retiro, SP (1930-1954)*, mestrado, Teoria e história da arquitetura e do urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 193 p.
- Meyer, Regina Maria Prosperi, Grostein, Marta Dora; Biderman, Ciro (2004) *São Paulo Metrópole*, São Paulo, Edusp, 290 p.
- Monbeig, Pierre (1953a) «La croissance de São Paulo», *Revue de géographie alpine*, 41 (1), pp. 59-97.
- Monbeig, Pierre (1953b) «La croissance de São Paulo (suite et fin)», *Revue de géographie alpine*, 41 (2), pp. 261-309.
- Rolnik, Raquel (2001) *São Paulo*, São Paulo, Publifolha, 84 p.
- Silva, Carlos Freire da (2008) *Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecção em São Paulo* dissertação de mestrado, departamento de sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 141 p.
- Villaça, Flávio (1998) *O espaço intra-urbano no Brasil*, São Paulo, Studio Nobel.
- Waldinger, Roger (1984) «Immigrant Enterprise in the New York Garment Industry», *Social Problems*, 32 (1), University of California Press, pp. 60-71.
- Waldinger, Roger (1990) «Ethnicity and Entrepreneurship», *Annual Review of Sociology* (16), Annual Review of Sociology, pp. 111-135.
- Xavier, Iara Rolnik (2010) *Projeto migratório e espaço. Os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo*, dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), departamento de demografia, Unicamp, Campinas, 258 p.